

## LUZ, CÂMERA, VIOLAÇÃO

Evelin Sibeles Ramalho Sganzerlla

### Resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre a relação existente, entre a violência, cada vez mais presente na mídia televisiva e a violência nas escolas. Primeiramente, serão trazidos à tona elementos que possam esclarecer a relação entre a mídia e o comportamento humano. Posteriormente a busca será no sentido de verificar as características dos programas de TV e da falsa ideia de “liberdade de imprensa” frente aos telespectadores. Dando continuidade a esta reflexão trago dados e informações sobre esta temática afinando até chegar à escola, passando pelo fenômeno da violência. Na atualidade tem se discutido muito a relação e impacto dos meios de comunicação no comportamento das crianças e jovens, mas não há um consenso a este respeito. O artigo aponta ao final, a relação entre mídia e formação identitária das crianças. Apesar do que foi apresentado, não estabelecemos uma relação direta e isolada entre a violência exposta na televisão e as atitudes violentas no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Criança, jovem, mídia televisiva, violência na escola, sociedade e paz.

### Considerações Iniciais

Luz, câmera, ação! Esta frase nos transporta aos bastidores de um set de gravação, porém a palavra ação foi substituída por violação acintosamente para aguçar um olhar diferenciado no que se refere aos programas de televisão, como legítimos disparadores da violência nas escolas, discutindo em que medida a lei que dá direito à criança de ser protagonista da sua maneira de se comunicar tem sido adotada. Vale ressaltar, a importância dos meios de comunicação de acordo com o documento da *Agência de Notícias dos Direitos da Infância - ANDI*.<sup>1</sup>

Os meios de comunicação comprovadamente têm sido compreendidos como engrenagens centrais no ordenamento do debate público acerca das mais distintas questões. As conquistas tecnológicas dos últimos séculos – principalmente, o advento da radiodifusão – deram ainda mais amplitude a tal percepção. Não é por

<sup>1</sup> ANDI E UNICEF. Remoto Controle – Linguagens, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes (série mídia e mobilização social: vol. 07); Editora: Cortez, 2004

outra razão que as empresas de comunicação de massa passaram a ser vistas como um “quarto poder” na esfera política.

Porém, vamos analisar o lugar das crianças e jovens neste contexto, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos no artigo 19, ou no artigo 13 da convenção sobre os Direitos da Criança, consta:

A criança terá direito a liberdade de expressão: este direito incluirá liberdade para procurar receber e partilhar informações e idéias de todos os tipos independentemente de fronteiras, oralmente, por escrito ou na forma impressa ou de arte, ou através de qualquer outro meio de escolha da criança.

Isso quer dizer que crianças e adolescentes são livres para se expressarem, pesquisando e ou partilhando informações, transpondo as barreiras continentais, se for o caso e fazendo uso de ferramentas, da sua escolha, mas será que isso acontece na prática?

O que de fato acontece é que tanto os Direitos Humanos de maneira geral, quanto à imprensa e outros tipos de mídia têm funções especiais não só na promoção e proteção dos direitos fundamentais da criança, mas de auxiliar a tornar realidade os princípios, padrões e convenções sociais. A mídia, muitas vezes, é um suporte no controle e na concretização dos direitos da criança. A agressão é exposta não somente na exibição de atos físicos, agressivos ou violentos, mas também através de pensamentos e atitudes agressivas. Essa falta de sensibilidade frente a tanta violência surge do costume de ficar exposto de forma repetida e prolongada em frente de cenas violentas, que podem gerar além da naturalização de atos violentos, ou seja, o acostume com os mesmos, a “síndrome do mundo mau”- que ocorre quando há uma exposição intensa à televisão que acaba moldando a visão que um indivíduo tem do “mundo real” de modo que ele pareça mais perigoso, violento assustador do que na verdade é. Segundo Érica Scharrer

A síndrome do mundo mau é um componente chave na teoria do cultivo, a qual sugere que a exposição intensiva aos temas ubíquos e consistentes da televisão ajuda a formar as percepções que os espectadores têm do mundo ao seu redor. (Gerbner et al, 1980).

Quando se trata de violência, a teoria do cultivo afirma que aqueles que passam muito tempo assistindo a uma proporção crescente de ações violentas na tela passam lentamente a perceber o mundo a sua volta como maldoso e violento, acreditando que eles próprios tem mais probabilidade de se envolverem em um

crime e que os outros não são bons nem merecedores de confiança, se comparado com os expectadores relativamente assíduos de televisão (Gebner et al.1980) <sup>2</sup>

Na contemporaneidade, inúmeras pesquisas na área das ciências humanas, tem estudado o fenômeno complexo que é a violência, tendo como consequência uma preocupação demasiada em estudar esses acontecimentos que, há muito, fazem parte do nosso cotidiano, os estudos são voltados para a identificação das manifestações violentas e a busca de alternativas inovadoras para o combate das violências. Segundo Alba Zaluar, “Violência vem do latim *violentia*, que remete a vis (força, vigor, emprego de força física, ou recursos do corpo para exercer a sua força vital)”.<sup>3</sup> Nos últimos anos, as escolas têm sido abaladas com atos violentos, as famílias são divididas devido a atos violentos, as ruas não possuem segurança para andarmos livremente, problemas sociais tais como a miséria e a pobreza contribuem e muito para a ocorrência de atos de violências, policiais são acusados de agir com extrema violência com inocentes etc. Enfim, são nesses ambientes que a maioria dos jovens vive, é o que eles vêm todos os dias. Eles são também vítimas das violências e pior isso não é problematizado, discutido, refletido pela sociedade. Segundo Chauí, “A ausência de reflexão sobre a violência na escola não é uma falha ou um defeito dos noticiários e sim um procedimento deliberado de controle social, político e cultural”.<sup>4</sup>

Vale ressaltar que a violência não é um fenômeno isolado. É fruto de várias causas, e se manifesta sob diversas formas. Muitas pesquisas aqui no Brasil, como por exemplo do caderno na UNICEF “*O bê-a-bá da intolerância e da discriminação*” têm destacado a magnitude do impacto da violência estrutural, intrafamiliar, institucional e da delinquência sobre as crianças e jovens, matando-os precocemente ou deixando marcas profundas de dor e sofrimento. De maneira geral, essas formas de violência ganham visibilidade e disseminação nos meios de comunicação, tanto na ficção quanto no jornalismo, tanto em texto quanto em imagens. Para ilustrar essa constatação a Monja Coen em uma de suas falas sobre violência, levanta um ponto interessante para nossa reflexão: “a violência no planeta

---

<sup>2</sup> SCHARRER apud FEILITZEN, Cecília Von. *Perspectiva sobre a criança e a mídia*. Cecília Von Feilitzen e Catharina Bucht; tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Brasília: UNESCO, SEDH / Ministério da Justiça, 2002. p. 163.

<sup>3</sup> ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004. p. 228-229.

<sup>4</sup> CHAUI, 2006, p.50.

diminuiu 7%, porém a divulgação na mídia aumentou 600%”.<sup>5</sup> A quem interessa tanta espúria sobre a violência na nossa sociedade?

No Brasil, a questão da violência, sobretudo os homicídios – a principal causa de morte na faixa etária de 15 a 24 anos –, tem levado setores da sociedade a questionar o papel de instituições que, de alguma forma, são responsáveis direta ou indiretamente tanto pela proteção quanto pela transmissão de valores morais e éticos a crianças e adolescentes. Os meios de comunicação certamente estão entre elas, pois fazem parte do processo de socialização de meninos e meninas brasileiros e têm a importante função de levantar os temas que serão debatidos na sociedade.

Luiz Eduardo Soares nos alerta:

Está em curso no Brasil um verdadeiro genocídio. A violência tem se tornado um flagelo para toda sociedade, difundindo o sofrimento, generalizando o medo e produzindo danos profundos na economia. Entretanto, os efeitos mais graves de nossa barbárie cotidiana não se distribuem aleatoriamente. Como tudo no Brasil a vitimização letal se distribui de forma desigual: são sobretudo os jovens pobres e negros, do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, que tem pago com a vida o preço da nossa insensatez coletiva. O problema alcançou um ponto tão grave que já há um déficit de jovens do sexo masculino na estrutura demográfica brasileira. Um déficit que só se verifica nas sociedades que estão em guerra. Portanto, apesar de não estarmos em guerra, experimentamos as conseqüências típicas de uma guerra.

Nesse caso uma guerra fratricida e autofágica na qual meninos sem perspectivas e esperança, recrutados pelo tráfico de armas e drogas (e por outras dinâmicas criminais) matam seus irmãos, condenando-se, também eles a uma provável morte violenta e precoce, no círculo vicioso da tragédia.<sup>6</sup>

A televisão comercial, por exemplo, é a mídia mais utilizada por crianças e adolescentes. Sendo assim a principal fonte de lazer e de informação deles. Porém ela se consolidou de modo diferenciado nos Estados Unidos, América Latina e Europa, Gisela G. S. Castro<sup>7</sup> explica:

Como a televisão se consolidou de modo diferente em cada região do planeta - tendo na Europa predominado o modelo estatal de programação enquanto nos Estados Unidos e na América Latina, prevalece o modelo comercial, as diferenças

<sup>5</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=\\_JXADuwjI-A](https://www.youtube.com/watch?v=_JXADuwjI-A).

<sup>6</sup> NOVAES, Regina e Paulo Vannuchi (organizadores). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação e Participação*- São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 130.

<sup>7</sup> BARBOSA, Livia (organizadora). *Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo*.- Porto Alegre: Sulina, 2012. 375p. CARDIA, Nancy. Pesquisa nacional, por amostragem domiciliar, sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violação de direitos humanos e violência: Um estudo em 11 capitais de estado / Coordenação: Nancy Cardia; Rafael Cinoto et al. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 2012 . p. 63.

são reforçadas tanto em termos de volume e forma de sua presença no cotidiano quanto em termos de conteúdos das emissões.

Defensores do modelo estatal de controle da programação tendem a enfatizar o potencial destrutivo da mídia e a fragilidade do público (especialmente o público infantil) diante do poder persuasivo da linguagem publicitária. Sendo assim, a ênfase é dada aos programas de caráter informativo e de cunho educacional, com forte tradição na produção de documentários e grandes reportagens temáticas avolumando-se em gigantescos e multifacetados conglomerados transnacionais que operam em diversas frentes e geram receitas superiores ao PIB de muitos países ao redor do mundo.

No Brasil, o rádio e a TV estão presentes de modo expressivo até mesmo em áreas de baixa renda, com ligeira predominância da televisão. Os estudos sobre as implicações dessa presença massiva das mídias no crescimento e desenvolvimento de crianças e adolescentes ainda são escassos e descontínuos. Alguns poucos profissionais da área da saúde e da educação têm abordado a questão, sobretudo relacionada à formação psicossocial desse grupo. De acordo com PNAD 2009<sup>8</sup>:

A televisão está presente em 95,7% das residências brasileiras, enquanto o rádio pode ser encontrado em 87,9% delas. O dado surpreendente é de 72% possuem aparelhos de DVD. O microcomputador comparece em 34,7% dos domicílios, perdendo para o carro, presente em 37,4% deles.

Mesmo assim, ainda não há um consenso dos pesquisadores em relação ao impacto dos meios de comunicação no comportamento das crianças e adolescente. Ainda há controvérsias sobre a influência do conteúdo violento da mídia, que tem sido discutida por vários investigadores em todas as partes do mundo, que nem sempre chegam a um denominador comum.

Entretanto, os estudos brasileiros de diversas metodologias sobre o efeito dos meios de comunicação na vida de crianças e adolescentes têm o mérito de lançar algumas luzes sobre a questão e vem avançando o conhecimento sobre esses importantes meios no contexto específico do nosso país.

Não há um consenso no que se refere ao impacto da mídia sobre as crianças e os adolescentes. Contudo, podemos analisar os resultados e as contribuições de pesquisas pioneiras e, dentro do contexto específico de cada país ou região, observar os fatores individuais, sociais, econômicos, culturais e familiares do grupo pesquisado. Há três correntes divergentes a este respeito. Enquanto nos Estados Unidos, a questão da violência

---

<sup>8</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009>

na escola é relacionada diretamente com a violência exposta na mídia; a corrente europeia não defende que a mídia exerça tanta influência assim sobre os jovens. Inclusive há um movimento de crítica destes mesmos jovens em relação às programações apresentadas. A última corrente de estudos realizados na América Latina vê a televisão como um instrumento socializador entre as famílias, principalmente as novelas, para as mulheres.

### Considerações Finais

Depois desta exposição podemos concluir que a mídia televisiva incentiva, mas não é o que cria a violência e acaba sendo sensacionalista porque é o que vende “ a televisão surgiu na década de 50 e antes disso já existia a violência, a história nos mostra que os seres humanos matam em nome de Deus, sem Deus, contra ou a favor do ateísmo, além disso em sociedades em que a TV não chega, por falta de luz elétrica, ocorrem casos de violência.” ( Leandro Karnal)<sup>9</sup>

Sendo assim, as agressões na escola e nos noticiários se relacionam na medida em que a violência é interpretada pelo adolescente como uma forma de comunicação no âmbito da escola, da família, do convívio com os pares e na inter-relação com a televisão. Essas interações dinamizam os sentidos sobre o fenômeno da violência que são incorporados segundo o contexto de cada cultura local, comunidade, família, escola, faixa etária e relações de gênero. As situações de violência constatadas nas escolas envolveram agressões verbais por parte de professores, funcionários, entre os próprios alunos e desses contra os educadores. Constata-se a existência de vários tipos de violência na própria família e outras situações de risco graves, como o tráfico de drogas, porte de armas de fogo e armas brancas.

Embora a mídia televisiva não seja a grande vilã da violência social e na escola, percebe-se que há uma interação constante entre ambas no que se refere aos instrumentos e as formas de violência no cotidiano. Um dos mecanismos de interação constatados ocorre quando existe uma onda de notícias sobre violência nas escolas norte-americanas, mostrando jovens atirando contra colegas e professores e exibindo armas potentes como sinônimos de poder. Como o triste exemplo: ***Massacre de Virgini Tech - 2007*** O maior assassinato em massa da história dos EUA em ambiente escolar ocorreu em 16 de abril de 2007, no Instituto Politécnico e Universidade Estadual da Virgínia (conhecido como

---

<sup>9</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=WoGOgOeQFWs>

Virginia Tech), em Blacksburg, Virginia. Além do atirador, 32 pessoas morreram e 21 pessoas ficaram feridas.

Muito além de fomentadora do comportamento violento, a mídia é compreendida como uma ferramenta de controle social, que contribui (ou não) para que o Estado, assuma seu papel através de construção de políticas públicas. A este respeito, Luiz Eduardo Soares<sup>10</sup> acrescenta:

A emergência de um modelo cultural depende de uma multiplicidade ilimitada de intervenções, de apropriações capilares que lhe dão sobrevida e o radicam no solo da vida social, fortalecendo-o, conferindo-lhe legitimidade e ampliando seu raio de ação. Ele nasce ou não, brota ou não, da espontaneidade das relações sociais ainda que a empurrão da mídia valha muitíssimo, evidentemente. Nem Estados totalitários, sozinhos, conseguem construí-lo e fazê-lo funcionar. Por mais que a mídia esteja controlada, ela só fecunda o solo de uma cultura já enraizada. Não pode construir o solo artificialmente.

Isso reforça que devemos buscar soluções em um contexto mais amplo da sociedade, em vez de direcioná-las apenas na mídia. Quando cresce a violência na mídia, precisamos examinar o papel de apoio da sociedade como um todo (família, escola e comunidade) com certeza a influência no comportamento das crianças e adolescentes, desta tríade, é maior sobre o indivíduo do que a televisão sozinha.

Em seu texto “A Criança e a Violência na Mídia”, Cecília Von Feilitz<sup>11</sup> possui uma visão bem pontual a este respeito e afirma:

A mídia é profundamente influenciada por forças de mercado. Contudo, objetivos bem articulados da sociedade e sua busca ativa podem elevar a qualidade das produções mais verdadeiro da mídia. Isso é ainda mais verdadeiro se tais objetivos receberem o apoio de grupos informados com a preocupação de proteger tanto as liberdades civis como os interesses da criança. Quanto mais livre e autodisciplinada a mídia, mais efetivamente ela poderá contribuir par os objetivos sociais, educacionais e culturais da sociedade.

Concluimos que há interesses em noticiar tanta violência, uma vez que dá ipobe, é o que vende e que as mídias influenciam, mas não determinam o comportamento dos seres humanos em sociedade. Os adolescentes brasileiros, passam em média quatro horas assistindo televisão, por si só, este dado, seria suficiente para justificar a importância de um debate acerca da qualidade da programação voltada para o público jovem. Ao

<sup>10</sup> NOVAES, Regina e Paulo Vannuchi (organizadores). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação e Participação*- São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 130.

<sup>11</sup> FEILITZEN, Cecília Von. *Perspectiva sobre a criança e a mídia*. Cecília VonFeilitzen e Catharina Bucht; tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Brasília:UNESCO, SEDH / Ministério da Justiça, 2002. p. 45.

considerarmos que, em todo o País, o número de pessoas que têm entre 10 e 24 anos chega a 52 milhões, torna-se ainda mais apropriado refletir sobre as possibilidades de formação dessa parcela da população. Nunca houve um número tão significativo de pré-adolescentes, adolescentes e jovens no Brasil. Apoiar projetos de formação cidadã para esse segmento significa influenciar de forma positiva na qualidade e sustentabilidade do processo de desenvolvimento do País como um todo.

Certamente, fazendo uso da inclusão e do respeito poderemos reverter este quadro de violência, que possui sua natureza utilitária e sua dimensão afetiva e psicológica e social. Nesse contexto, os meios de comunicação, em especial a televisão, têm um papel fundamental. Os adolescentes e jovens estabelecem com a tevê uma relação que mescla entretenimento, informação e apropriação de valores. Propor um debate sobre o conteúdo televisivo voltado para esses segmentos representa necessariamente trabalhar em uma área de interface entre a comunicação, a educação e a ética.

A participação (ou não) da criança na mídia está diretamente relacionada com a sua participação na sociedade como um todo – em particular, em casa e na escola. Ao mesmo tempo, vale lembrar, que as iniciativas no sentido de promover acesso a produções midiáticas de qualidade para as novas gerações, não se encontram alicerçadas somente nos ricos debates de ideias que se travam entre os diferentes atores sociais envolvidos nessa área estratégica. Acima de tudo, é uma questão de direito que devemos fazer valer assegurando aos mais jovens, o que está claro na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança e do Adolescente (ratificada em 1989 pelo Brasil) quanto por nossa Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

Faz-se necessário, mais estudos voltados a este tema, na intenção de aclarar a contribuição latente ou o dano da mídia popular sobre o bem-estar psicológico e a educação de crianças e jovens, cabendo a nós, enquanto sociedade, fazermos escolhas conscientes de que tipo de mídia desejamos.

## REFERÊNCIAS

ANDI E UNICEF. *Remoto Controle – Linguagens, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes* (série mídia e mobilização social: vol. 07); Editora: Cortez, 2004.

ZALUAR, Alba. *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BARBOSA, Livia (organizadora). *Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo*.- Porto Alegre: Sulina, 2012. 375p.

NOVAES, Regina e Paulo Vannuchi (organizadores). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação e Participação*- São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (organizadores). Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *Sobre a televisão*. Pierre Bourdieu; tradução, Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARDIA, Nancy. *Pesquisa nacional, por amostragem domiciliar, sobre atitudes, normas culturais e valores em relação à violação de direitos humanos e violência: Um estudo em 11 capitais de estado* / Coordenação: Nancy Cardia; Rafael Cinoto et al. São Paulo: Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, 2012 .413p.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder*. São Paulo. Fundação Perseu Abramo, 2006. *Cotidiano das escolas: entre violências* / Coordenado por Miriam Abramovay. – Brasília : UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.

FEILITZEN, Cecília Von. *Perspectiva sobre a criança e a mídia*. Cecília Von Feilitzen e Catharina Bucht; tradução de Patrícia de Queiroz Carvalho Brasília: UNESCO, SEDH / Ministério da Justiça, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Mídia, educação e cidadania: tudo o que você deve saber sobre a mídia*. Pedrinho Guareschi, Osvaldo Biz. Petrópolis: Vozes, 2005.

LEITE, Carlinda Maria Faustino. *O currículo e o multiculturalismo no sistema educativo português*. Coimbra: Fundação para a ciência e a tecnologia, 2002.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Peter McLaren. Trad. Márcia Morais e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.